



**CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA**

**REQUERIMENTO N.º 0189/2009**

*Requer a transcrição nos Anais desta Casa da matéria publicada no Jornal O Povo sobre o Festival de Marchinhas.*

**EXMO. SR. PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA**

A Vereadora abaixo assinado e no uso de suas atribuições legais e na forma regimental, vem muito respeitosamente requerer a V. Exa., que após ouvido o Plenário, seja transcrito nos Anais desta Casa a matéria sobre o I Festival de Marchinhas Lauro Maia, publicada no Jornal O Povo, no dia 31 de janeiro de 2009, intitulada Festival de Marchinhas relembra velhos carnavais.

Requer, ainda, que seja dada ciência do teor deste requerimento a:

**Amanda Queiroz**

Jornalista

Av. Aguanambi, 282 – Joaquim Távora.

Departamento Legislativo, 11 de junho de 2009.

*Eliana Gomes*

**Eliana Gomes**

**Vereadora - PC do B**

DEP. LEGISLATIVO  
EM 11/06/09 ÀS 11:55 HRS

*Kalline*  
CIONÁRIO

## Fortaleza

# Festival de Marchinhas relembra velhos carnavais

< PRÉ-CARNAVAL > Os moradores do bairro Ellery querem incentivar o retorno das marchinhas aos carnavais de fortaleza. Para isso, organizaram um festival com o objetivo de escolher a melhor composição do gênero. A final do concurso será amanhã



Os irmãos Fernando e Virgílio César durante ensaio das músicas finalistas. A dupla vai defender a marchinha "Lá vem o bloco"

**E**nquanto a chuva desaba impiedosamente lá fora, um som animado se faz dentro da creche comunitária do bairro Ellery. Ali, doze músicos acertam os últimos detalhes de suas apresentações. De ouvido, a banda pega os acordes e dá o mote para as canções. Com microfone na mão, é hora de cantar.

Está posto o cenário do ensaio geral do I Festival de Marchinhas Lauro Maia, ocorrido na última quinta-feira. Toda a afinação é para que cada um dos músicos fique bem na fita na grande final que ocorre amanhã, às 10h, no Pólo de Lazer da avenida Sargento Hermínio.

A idéia do festival partiu dos próprios moradores da comunidade. "Percebemos o vácuo de um espaço na cidade que valorizasse esses compositores. Já existem muitos blocos, mas não vemos muitos lugares onde essas músicas possam ser apresentadas", afirma Clarice Araújo, da diretoria executiva da Associação Comunitária do bairro. Mais de 60 músicas foram inscritas na competição, mas apenas 12 estão na final.

Uma das concorrentes é dona Ivete Barros, que perdeu as contas de quantas músicas já compôs para o Carnaval. Quase metade dos seus 75 anos foi vivida em clubes, salões e avenidas. Só este ano, quatro de seus sambas vão embalar os des-

## AS 12 MÚSICAS COMPETIDORAS SÃO:

1. Viver e sonhar (Inês Mapurunga)
2. Urubu encantado (Carlos Caréca, Jonson Soares e João Batista)
3. Cara de pau (Lúcio Ricardo)
4. Patroa (Tinoco)
5. Quero me casar contigo (Alves Braúna)
6. Sinfonia da cor (Messias Batalha)
7. Lá vem o bloco (Fernando César, Virgílio César, Mário Luiz e Helenice Maria)
8. A lei seca (Tião Simpatia)
9. Antigos carnavais (Ivete Barros)
10. Eterno folião (Paulo Gomes)
11. Muriçoca do canal (Nei Lopes)
12. É ou não é (José Maria)

► Para o júri, foram convocados Calé Alencar, Wladisia Mesquita, Juracy Mendonça, Nelson Augusto, Bernardo Neto e Joana Angélica.

► O primeiro lugar leva um troféu e R\$ 1 mil. O segundo fica com R\$ 500 e o terceiro, com R\$ 250. Haverá ainda troféus para a melhor letra e o melhor intérprete.

files da Domingos Olímpio.

"Minha família não gostava que eu puxasse, mas eu sempre gostei muito. Tomava uma dose de uísque para esquentar e abria o goelão" lembrou ela. "Fiz muita música só na camaradagem. Ganhava um trofeuzinho, uma medalha... De dois anos pra cá é que tem saído uma gorjeta" diz ela com uma gargalhada simpática.

### Oriatividade

O processo criativo de dona Ivete é bastante simples. Você dá um tema e ela já provoca uma rima. Logo, começa a batucar com as mãos e, em três tempos, letra e melodia estão prontas. Para ela, uma

boa marcha não tem segredo.

"Basta usar a imaginação e pensar nas coisas boas", declara. A canção que está na disputa do Festival é Antigos Carnavais, na qual ela lembra os tempos em que o lança-perfume era usado apenas para botar cheiro no salão.

Ainda na linha saudosista, o compositor Paulo Gomes, 58 anos, apresenta a sua marcha-rancho Eterno Folião. Seguindo uma cadência mais lenta, esse tipo de marcha costuma ser tocado no meio do baile para quebrar um pouco o ritmo frenético das marchinhas.

"A marchinha é mais rápida, tem um lado mais engraçado. A marcha-rancho é

mais lírica, poética e sentimental", afirma. Em 2007, Paulo tirou o terceiro lugar no Concurso Nacional de Marchinhas Carnavalescas da Fundação Progresso com a canção Velho Palhaço.

Entre os concorrentes, há ainda quem aposte no tom satírico e debochado das velhas marchinhas dos anos 30, 40 e 50. Sebastião Félix Jucá, o Tião Simpatia, 32 anos, montou sua letra a partir de um tema que deve afetar diretamente o comportamento dos foliões nesse Carnaval.

Com um ritmo mais dançante, A Lei Seca conquista pela graça dos versos. Cana no engenho da cachaça/Cachaça no volante agora é cana, diz a letra. "Sempre escrevo letras ligadas a temas sociais. O que me inspirou foi uma matéria de jornal dizendo que nunca no Brasil tantas mulheres tiraram carteira de motorista para poder acompanhar o marido depois da farrá", explica.

Tião ficou sabendo do concurso pela internet e elogiou a iniciativa. "Fortaleza tem grande potencial para as marchinhas. Um festival como esse ressuscita uma tradição", completa.



### SERVIÇO

#### I Festival de Marchinhas

Lauro Maia - A final ocorre este domingo (1º), às 10 horas, no Pólo de Lazer da avenida Sargento Hermínio, no Bairro Ellery. Grátis. Info: 3478 0495.

## Sátira e apelo social tornaram ritmo mais popular

Por muito tempo, as marchinhas foram mais valorizadas que o samba durante o Carnaval. Dos anos 20 aos anos 50, elas dominavam os salões com seu ritmo acelerado, compasso binário e letras de apelo popular, caindo facilmente na boca dos foliões:

"Esse é um ritmo mais contagiante e movimentado, o que o torna ideal para se pular Carnaval. Além disso, ele

sempre se pautou por motivos de cada época. Então havia muitas marchinhas que faziam críticas ao social", afirma o pesquisador Omar Jubran.

Segundo ele, a origem da marcha é controversa. Uma corrente de historiadores aponta que ela seria uma derivação da polca portuguesa trazida para o Brasil junto com a corte de dom João VI. No entanto, não há documentos que

comprovem essa tese.

Na primeira metade do século, as marchas costumavam receber grande divulgação das rádios. "A partir de setembro ou outubro, a Rádio Nacional iniciava audições especiais para que os ouvintes já aprendessem as composições", explicou Omar.

Essa realidade muda nos anos 70. Com a ascensão dos sambas-enredo, as marchas

começam a ficar em segundo plano e, pouco a pouco, passam a ser esquecidas.

As últimas grandes marchas foram Máscara Negra (1967), de Zé Kéti e Pereira Mattos, e Bandeira Branca (1970), de Max Nunes e Laércio Alves. Para Jubran, as letras das marchinhas de antigamente são verdadeiros retratos de como a sociedade funcionava naquele tempo. (AQ)